

ANTOLOGIA POÉTICA DE ORIZONA 2017

ANTOLOGIA POÉTICA DE ORIZONA 2017

Ponto de Cultura
Orizona ENCENARTE



Ponto de Cultura Orizona ENCENARTE

ANTOLOGIA POÉTICA DE ORIZONA 2017

**Orizona-GO
2017**

Coordenação do Ponto de Cultura:

Maria Teresinha de Paula Vieira

Coordenação Editorial

Anselmo Pereira de Lima

Supervisão Editorial:

Cleide Maria de Araújo Pinheiro

Telma de Jesus Caixeta Cardoso

Equipe de Organização:

João Pereira de Almeida

Maria Edilene Pereira Rincon

Antônio Pereira de Almeida

José Natal Barbosa

Maria Aparecida Vieira

Revisão:

João Pereira de Almeida

Maria Edilene Pereira Rincon

Capa:

Anselmo Pereira de Lima

Imagem da Capa:

Acervo/ Prefeitura Municipal de Orizona

(Vista panorâmica de Campo Formoso/Orizona em 1936)

Projeto Gráfico e Diagramação:

Criarte Gráfica e Comunicação Visual

Produção Gráfica e Impressão

Criarte Gráfica e Comunicação Visual

Tiragem: 1.000 exemplares

PONTO DE CULTURA

ORIZONA ENCENARTE

ASDAO - Associação dos Artesãos de Orizona

Praça Délico Machado da Silva, s/n

Centro – Orizona/GO CEP 75.280-000

Todos os direitos autorais estão reservados aos autores participantes desta Antologia. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem autorização prévia. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo art. 184 do Código Penal Brasileiro.

Apresentação

O Ponto de Cultura Orizona ENCENARTE, coordenado pela ASDAO – Associação dos Artesãos de Orizona, com auxílio de diversos parceiros individuais e institucionais, apresenta a sociedade orizonense a *Antologia Poética Orizona 2017*.

Este trabalho mostra uma seleção de poesias com a produção literária dos autores de nossa terra nas últimas décadas. Os trabalhos estão publicados em coletâneas, periódicos e em obras individuais. Foram selecionados por uma equipe de realizadores e escritores que se comprometeram a agrupar em uma única produção esta pequena mostra do que foi produzido nos últimos anos.

A partir desta antologia, num futuro breve, publicaremos uma coletânea em prosa e verso com a melhor da produção dos novos talentos da nossa terra, dando mais visibilidade à produção literária daqueles e daquelas que se dedicam a 'brincar' com as letras.

Orizona ENCENARTE foi criado no ano de 2010, dentro do programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura. Desde então, o ponto de cultura trabalha na divulgação das expressões culturais do Município de Orizona e na difusão das diversas técnicas artísticas junto à sociedade, oferece cursos, oficinas e promove eventos que contribuem com a concretização dos objetivos do ponto de cultura.

Abraço a todos e todas e desejamos aos leitores uma excelente leitura.

MARIA TERESINHA DE PAULA VIEIRA

Coordenadora do Ponto de Cultura
Orizona ENCENARTE

Sumário

História de Orizona.....	05
Hino Oficial de Orizona.....	07
DOM ANTÔNIO RIBEIRO DE OLIVEIRA (In Memoriam)	08
RAPHAEL LEME FRANCO (In Memoriam).....	10
SÔNIA FERREIRA.....	11
OLIMPIO PEREIRA NETO.....	17
ZÉ CONCEIÇÃO.....	20
SEBASTIÃO EDUARDO.....	23
INÊS MARIA DE CASTRO.....	27
OLIVEIRA MARÇAL.....	30
MARIA AVELINA DE CARVALHO.....	33
EDIR GONÇALVES.....	34
ANTONIO BAIANO.....	37
WELSON LUIZ TAVARES.....	41
EURÍPEDES ADÃO DE OLIVEIRA.....	43
JOÃO PEREIRA DE ALMEIDA.....	46
MARIA EDILENE PEREIRA RINCON.....	50
GERSON PINHEIRO.....	54
MARIA APARECIDA PINHEIRO MACHADO.....	57
FERNANDO ALMEIDA.....	60
PADRE LUIZ RENATO CARVALHO DE OLIVEIRA, SJ.....	62
ANSELMO PEREIRA DE LIMA.....	63
AMANDA LAURA COSTA.....	65
ANA ISABEL RIBEIRO.....	67
GUILHERME COSTA.....	69
REJANE GONÇALVES DE OLIVEIRA.....	72

História de Orizona¹

Olímpio Pereira Neto

Se eu fosse historiador
Faria uma história ideal.
Se acaso fosse poeta
Cantaria meu berço natal.

Minha terra querida
És um recanto de Goiás.
Quero ser teu filho ilustre
Nem que eu seja audaz.

Cantar-te é minha alegria,
Cantar-te será minha glória.
Quero ser teu filho honrado
Na derrota e na vitória.

É moça esta terra
Das mangueiras troncudas,
Dos bambus baloiçantes
E das casuarinas pontiagudas.

O regato que te regas
Com águas cristalinas,
Te deu força, te deu luz,
Embora pequeninas.

Capela dos Correias,
Antes conhecida.
Terra de gente sábia,
Que sabe ajeitar a vida.

Goiás ainda era sertão,
Ninguém de ti lembrava,
Mas para esse povo gentil,
Deus bênçãos derramava...

Lutaram os coreanos
Para serem emancipados.
Lutaram diplomaticamente
E viram esse sonho realizado.

Da igreja da colina
E da família que a construiu.
Capela dos Correias foi
O primeiro nome que surgiu.

Dos campos maviosos
Originou um nome...
Campo Formoso imponente...
Uma briga de cigano o consome.

De seus campos maviosos,
E das vistosas paisagens,
E das produções municipais
Outros nomes tiveram origens.

Vamos marchando lentamente,
O presente em vasa mansa.
A espreitar sobre o futuro,
Tendo o passado por lembrança.

Terra de convivência feliz
Amamos-te a vida inteira.
És como a semente na terra,
Que nasce, cresce e vira fruteira.

Tua gente, sempre unida,
Forma grande sociedade,
Lutando pelo bem comum,
No campo e na cidade.

Transparentes se apresentam,
Elevando o teu conceito:
Estadual, nacional e
Internacional com respeito.

Como é lindo teu horizonte!
De quebradas e pradarias!
Além dos chapadões de cerrados,
Florescem cipoais das matarias.

A paz divina aqui reina,
Só existe magnanimidade...
Bênçãos da padroeira,
Nossa Senhora da Piedade.

Consolidando nossa emancipação,
Uma tragédia nos marcou...
O célebre Egerineu Teixeira,
Covarde assassino o matou.

Com heroísmo ele nos deixou.
Registrar isso nos convém.
Aquela inteligência vibrante,
Hoje mora no além.

José da Costa Pereira,
Um brinde de honestidade,
Homem sábio e prudente
Pacificou esta cidade.

Construiu escolas e o fórum,
O correio, pontes e estradas.
Visando instruir o povo e
Escoar a produção afamada.

É rica esta terra
De produção imponente,
Produce gado e cereais,
Que alimenta muita gente.

Dos orizonenses em faina
Realizada com galhardia.
Trabalho é a nossa riqueza,
E isto acontece todo dia.

Orizona, cidade pitoresca,
Venha ver-te, seja lá quem for,
Nosso estilo colonial
diversificado,
Retrato de cidade do interior.

Clima temperado e ameno,
É gostosa a nossa terra,
O orizonense é hospitaleiro,
Povo que só bondade encerra.

Orizona, torrão goiano,
Recanto de um Brasil vibrante.
Os orizonenses são fortes,
Titela desta nação gigante.

De Itapaci e Uruana
És a mãe tão querida,
Para o vale do São Patrício,
Orizona ofereceu vida.

Bisavós, avós e pais orizonenses,
Sejam todos sempre unidos.
Oh, jovens filhos desta terra,
Sejam bons, alegres e divertidos.

Capelanos da primeira hora,
Altaneiros campo-formosenses,
De tudo e de todos nos
orgulhamos
Do sangue forte orizonense.

Tentei cantar em versos
Nossa terra querida,
Por Nossa Senhora da Piedade,
Sempre abençoada e protegida.

Orizona-GO, 1953

¹Extraído de PEREIRA NETO, Olímpio (org). Orizona em Prosa e Verso 2000: Homenagem a Egerinêo Teixeira/OféliaTeixeira. Brasília: Gráfica Distrital, 2000. 165p.

Hino Oficial de Orizona

Orizona berço querido²
Terra cheia de encantos mil
É amada e protegida
Este pedacinho do Brasil

Teus encantos são infinitos
Sei que outra igual não há
Terra cheia de felicidade,
Onde canta o sabiá

Teu verde representa a esperança
De um povo ordeiro e trabalhador,
Que recebe o imigrante
Com fraternidade, carinho e amor

Foste Capela dos Correias
E também Campo Formoso
Foste desbravada por um povo
Honesto e corajoso

Teu solo serrano fecundo
Tantas divisas nos traz,
Ajuda alimentar o mundo,
Oh grande celeiro de Goiás!

Tua fauna e tua flora
Se encontram sob o céu de azul anil.
Orizona tu és o coração
Do meu querido Brasil.

José de Sousa Peres (Zé Conceição)

²O Hino do Município de Orizona foi escolhido em 12 de julho de 2003, através de Concurso promovido pela Prefeitura Municipal de Orizona, durante a gestão do prefeito João Bosco Mesquita.

DOM ANTONIO RIBEIRO DE OLIVEIRA

(In Memoriam)

Antônio Ribeiro de Oliveira nasceu no dia 10 de junho de 1926, em Orizona-GO, filho de José Ribeiro de Oliveira e Luíza Marcelina de Castro, pequenos produtores rurais. Sua ordenação presbiteral aconteceu em 02 de abril de 1949 e a episcopal, em 29 de outubro de 1961. Entre as diversas atividades, foi vigário em Orizona (1955 a 1957), bispo auxiliar de Goiânia (1961-1976), bispo da diocese de Ipameri (1976-1986) e arcebispo de Goiânia (1986-2002). Renunciou em 08 de maio de 2002. Faleceu em Goiânia no dia 28 de fevereiro de 2017, com 90 anos de idade.

SER PADRE

No princípio era Deus.
Antes do tempo e do espaço.
Ele falou, o Espírito pairou.
E tudo foi criado.
Sua palavra se tornou gente, habitou conosco.
Fez-se testemunho.
- É verdade e vida.
A mim se confiou.
Pôs suas palavras nos meus lábios.
- Ser padre é ser profeta.

Houve a história do pecado.
O Filho de Deus assumiu
Nossas culpas, a cruz, a morte.
A Páscoa salvou-nos.
Restaurou tudo e me colocou nesta história.
Gerar, no Batismo, filhos de Deus.
Perdoar pecados, abrir o céu ao pecador,
E fazer acontecer, a cada dia,
O mistério da Missa, a Páscoa perene,
A Nova Aliança no Sangue.
- Ser padre é ser sacerdote.

E a humanidade criada para ser família, nascida
Da comunhão Trinitária, perdeu o rumo de casa.
Ele reúne as ovelhas como pastor.
Os apóstolos se dispersaram. Ressuscitado, de novo os reúne.
Dá-lhes o Apóstolo Pedro, como sinal construtor da unidade.
Envia a eles o Espírito Santo, o amor – cria a comunhão.
Revela o mistério de Deus-Trindade: nascem as comunidades.
E me faz pastor, me veste de caridade:
A Palavra, a Catequese, a Pastoral, a Eucaristia, a Comunidade.
E me chama, me consagra e me envia.
Ser padre é construir comunidades, é ser pastor.

Viver a experiência,
O Mistério infinito, na pequenez da minha vida.
Criador e Senhor, na pobreza de uma Hóstia.

Santidade e bondade infinita, feita Misericórdia e Perdão.
Em madrugadas insones, em cansaço e fraqueza.
Ser padre é, um pouco,
Repetir para o mundo o milagre de Belém:
Emanuel – Deus conosco.

Obrigado, Senhor. Perdão, Senhor.

Eu não tenho outro jeito de comemorar
Estes 50 anos de Deus na minha fraqueza,
Senão dobrando os joelhos e dizendo:
Só Deus é Deus. Eu vos adoro, Senhor.

Dom Antônio.

(Celebrações do Jubileu de Ouro - 1999).

RAPHAEL LEME FRANCO

(*In Memoriam*)

Raphael Leme Franco nasceu em 07 de setembro de 1895 em Leme-SP e morreu em Orizona em 28 de setembro de 1977, aos 82 anos. Mudou para Campo Formoso (Orizona) assim que concluiu o curso de Medicina e aqui militou até o fim da vida. Musicista e filólogo brilhante, era articulista e poeta (assinava seus poemas com o pseudônimo 'El Franco'). Escreveu para diversos jornais da região, como *Lavoura e Comércio* (Uberaba), *Araguari*, *O Ipameri* e *O Anápolis*. É patrono da cadeira nº 03 da Academia de Letras, Ciências e Artes de Campo Formoso.

TARDE DE AGOSTO

Ao sol ardente, em mágoa concentrada,
Verde capão de mato empalidece...
Por sobre o campo, ondula uma queimada,
Como fantástica, viçosa messe!

Sobe a fumaça que o céu escurece.
Sutil poeira polvilha toda a estrada...
E levanta-se, em nuvem, quando, desce
Um grupo de animais em disparada.

Passarinhos, numa árvore deserta,
Suspiram pela chuva que desperta
Ares mais puros, terra mais ridentel

Sussurra uma ribeira limpa e rasa...
E sol – hóstia vermelha como brasa –
Mergulha no cibório do ocidente.

(Orizona, 1950)



ELERGIA

Saudade! – Ausência longa,
Triste, ansiosa, de momentos que
Foram de alegria...
Presença Espiritual e luminosa de
Tudo aquilo que se amou um dia.

(Orizona, dezembro de 1951)

SÔNIA FERREIRA

Sônia Maria Ferreira é filha de Joaquim Luiz Ferreira e Leonina Gonzaga Ferreira. Nasceu na Fazenda Samambaia, Orizona-GO. É Presidente e fundadora do Centro de Cultura da Região Centro-Oeste/ CECULCO. Obra poética: *Janelas de Campo Formoso* (1991); *Bucólica* (1991); *Licores de Outros Quintais* (2001); *Compotas de Poesias e Caldas* (2005); *Chuva de Poesias, Cores e Notas no Brasil Central* (2005/2006 – 1ª e 2ª edições); *Labaredas do Fogão - poemas e panelas* (inédito); *Dinâmica do Potencial Criador nas Escolas* (inédito); *Ação Pedagógica para Áreas Rurais* (Dissertação de Mestrado).

NUMA RUA MUITO ANTIGA

Numa rua muito antiga
Nasceu esperança nos muros
E ficaram melindrosas
As avencas debruçadas
Sobre os quintais bem maduros.
Cresceram saudades
Trazidas pelo burrinho cargueiro
E os gestos das velhas senhoras
Eram de poucos janeiros
E os frutos de São Caetano
Confundiam-se com o bico
Do solitário tucano.
Barquinhas de papel ingênuas
Requebravam na enxurrada
Dando bom-dia às casas
De fisionomias amenas.

(Janelas de Campo Formoso – 1991)

EM ORIZONA

À lua cheia, a meninada assentada na calçada,
Brincando de passar anel... Ao sol quente,
Nas ruas cheias de buracos, muitos pingos
De gente, atrás de uma bola qualquer
- bola que corre, dando bacadas,

Que pula, que salta, temendo a molecada...
É o beto, é o pique, debaixo da barriguda.
Lá no quintal, é a maré, são as bolinhas do Zé,
Comendo as bolinhas do João.

- Virgem Santa, que vidinha mais boa:
Um de vestido de faixa, outros só de calção,
Vão se misturando nas cirandas, indo pra Espanha
Buscar o chapéu, enquanto São Francisco entra na roda,
Lá na ponte do Girão. E o cravo briga com a rosa e a
Dona Chica se admira dos berros que o gato dá...

Minha corda, minhas panelinhas de barro,
Meus brinquedos, meus cavalos de banana,
Minha boiada de manga, minha fazenda de
Pedras e gravetos... Do Josélio, a finca
E o pião. O estilingue do Ferreira; o papagaio
Do Quim; a gaiola do Bastião...

Sobre as coisas singelas, que lembram as
Coisas profundas, muita coisa quero dizer:
- os biscoitos que minha mãe faz
Lembram carteira, o quadro-negro (de giz),
Meus livros, meus cadernos, fofos como
Sanfona, lambuzados de pirulitos: neles
O gosto doce do Grupo Constâncio Gomes...

- e eu quase crescida, assim vestida de renda,
Com um canudo na mão e com a cabeça pro alto,
Vejo o além, o distante, e sinto, e entendo a vida:
Sinto-me bem passarinho, antes voando baixinho,
Nascida só pra voar. Nunca voo sozinha, porque
Gosto dos pássaros que me ensinaram a gostar,

Sobrevoos as árvores grandes, as barrigudas, as
Mangueiras, e durmo nos tetos dos templos,
Quase sabendo porquê (saída de ninho quente,
Vou aprendendo a voar, não apenas pra voar...)
Hoje, eu, passarinho, vejo em minhas asas
Um novo impulso ao vôo... um novo convite ao rumo...

Pássaros que voam ao calor do fogão,
Ao embalo das aulas, ao impulso do amor,
A vós, pássaros voadores, minh'alma vos quer dizer:
Como é bom poder voar, rumo ao infinito, e sentir-se
Feliz (brincando de roda, escrevendo no quadro,
Chupando o palito, trazendo sempre na boca,
Trazendo sempre no peito o doce sabor de pirulito).

(Janelas de Campo Formoso – 1991)

O CORETO DA PRAÇA DE CAMPO FORMOSO

O Bidu, o João Diabo,
Vestidos de papel de seda,
E “viva São Sebastião”.
Seu Abel, Seu Getúlio, Seu Clodo,
Coloridos de retretas,
Mais que amigos, irmãos.
Seu Regi, Salviano, Sebastião,
Vitôr, Amaral, Seu Banico, Erasmo
- Sorrisos brancos
Para a batuta do Getúlio Silva
E do Tio Samuel.
O Seu Alfeu, que saudade,
Gente final (sempre pensei
Que o que ele tocava era
O elefante da cidade
- e eu era bem pequenina),
Tio Otávio, padrinho Lindolfo, vovô Israel,
Meu pai Joaquim, arrematando
Leitoa assada, saco de arroz,
Bandejas em papel manilha,
Galo cantador, pé de alface,
... E os sorrisos nas janelas
Enfileirados na praça
(casas do Seu Guinu, Seu Mauriti,
Dona Zulmira) e as flores nos quintais –
- tão simples e tão belas...
E a copa do secular tamboril,
Cortina verde de renda, esvoaçante,
Bailarina presunçosa no palco da memória do povo.
E os olhos da gente da roça,
E os olhos da gente da terra,
Que vibram, que se emocionam,
Que explodem de alegria
Com o ovo pra chocar;
Com o caminhão de lona;
Com o leiloeiro que malha o martelo;
Com a cruz dos missionários;
Com a pureza infantil dentro do velho;
Com as senhoras do rosário;
Com os olhos azuis
E a lágrima do Samuelino;
Com a pombinha branca,
Com a bandeira vermelha,
Enfeitada de brilho na Festa do Divino;
Com a expressão de fé,
De reverência e luz
Do mordomo Joaquim...
- Coreto da praça,
Você existe dentro de mim.

(Janelas de Campo Formoso – 1991)

ASAS DE BEIJA-FLOR

Serelepe sorridente buliçosa
Ela chegou de repente
E começou a cantar
Contou histórias gaiatas
Contou taturanas pintadas
Contou tentos no tempo
E fez previsão de futuro
Amou o passado
Amor de filha amor de amante
Amor de gente. Cochichou
Aos ouvidos da história
Fez cócegas em S. Francisco
Puxou o manto dominicano
E pediu perdão pro Senhor
Brincou. Brincou com águas azuis
Com força de lua nova
Ficou debaixo da choça
Bebeu pinga com limão
Dividiu o chá da alegria
Deu receita de graça
E saboreou um raio de sol
Encontrou-se com a lua
Sem medo do galope épico
Do lírico São Jorge
Participou de serenata
Montou na garupa do Santo
E começou a correr
Passou por muitas primaveras
Abraçou cada folha de outono
Absorveu todas coares do inverno
Suou suor de povo
Molhou-se toda de azul
No orvalho de muitas manhãs
Vestiu avental. Fez comidinha
Mimou criança de colo
E se tornou berço do mundo
Fiou aconchego de algodão
Lavou roupa na bica
Rezou muitas ave-marias
E moeu muito café
Teceu colcha de risada
— Tem jeito de menina
Asas de beija-flor
E açúcar de manuê...
— Ainda não sabem quem é?

(Bucólica - 1991)

LICOR

Um,
dois,
três
pedaços
de cravo.

Cinco
favos
de ternura.

Seis
pauzinhos
de canela,
com brilho
de uma
estrela.

Oito
cantadores
à janela.

Muitas
cordas
de viola.

No copo,
no peito,
uma chama
amarela.

Itumbiara- GO

(Licores de Outros Quintais - 2001)

CORAÇÃO DE CHOCOLATE

Pele de jambo
Flambada,
Ao conhaque
E às labaredas.
Fios de
Algodão doce
Nos cabelos,
Ao sereno
Malandrinho
Da lua nova.

Treliça firme
De dedos,
Pirulitos
De caramelos,
Expressão melosa
De afeição.
Olhar de mostarda,
Sorriso de ketchup,
Nobreza de pérola
Nos dentes.
Beijinho doce,
Suspiro de
Açúcar refinado,
Clara de neve
E sumo de limão.
Água de coco,
Em olhos
Picantes,
Derretendo
Meu
Coração
De chocolate.

(Compotas de Poesias e Caldas - 2005)

OLIMPIO PEREIRA NETO

Olimpio Pereira Neto nasceu na Fazenda Aroeiras, Orizona-GO, em 29 de abril de 1936. É Filho de Florentino Vieira Pereira e Dorcelina Pereira. Professor aposentado do GDF e escritor, é um dos maiores estudiosos da história e promotor da cultura/ literatura orizonense. É autor de *Um Lugar no Mapa*, *A Terceira Pessoa Depois de Ninguém*, *O Sapeca*, *Natalice*, *Verdes Campinas*, *Brasiliano*, *Orizona: Cidade e Campo* (1ª edição), *Lendas e Contos do Planalto Central*, *Nomes de Nossa Terra e Orizona: Campo e Cidade* (2ª edição). Também organizou e editou as coletâneas *Orizona em Prosa e Verso 2000* (duas edições) e *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

PÁTRIA

Finalmente raiara o teu dia, ó pátria querida.

Dias de gala em que te revestes de singular encanto e róseos primores.

Traduzes hoje, alegrias com esta linguagem muda, enquanto ecoa pelo espaço o vibrar unísono e sentimental de teu povo.

Ante a contemplação silenciosa de teu azul, ante a serena vibração de teu vasto continente, os brasileiros decantam nesta data as tuas incomparáveis grandezas.

Faz surgir majestosa a página sagrada de teus heroísmos.

Descortinar hoje, o teu passado é reviver no presente, uma imensidão de glórias, é divisar num longínquo horizonte, o raiar de um esperançoso futuro.

Ó divina princesa, és a mais soberana, a mais altaneira de todas as nações!

Só tu ostentas na fronte, um diadema todo teu a refletir no imenso universo, as ofuscantes pérolas de teus feitos dourados. Só tu te conservas, qual estrela maior a cintilar nas sombras do infinito.

Na amplidão verde de tuas matas, na transparência azul de teus mares, traduzes hoje o coração de teu povo e as próprias belezas de tua virginal existência.

Ó Brasil bem brasileiro, com que copiosa inspiração, compusera-te o divino artista?

Transborda sempre de admiração aos olhos de teus filhos.

Oh! Pátria querida, pois és, a um só tempo, a fascinação do mundo e o espelho vivo do verdadeiro Deus.

Tenho dito.

Orizona-GO 07/09/1953

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2000)

O velho que não teve professor nem foi à escola, declara-se cego
no mundo de agora.

O mestre nasce e o professor se faz.

Depois de diplomada uma classe, jamais alguém conseguirá
reuni-los em uma sala de aula...

A caneta, o lápis e a tinta, são ferramentas para o professor
executar a arte de ensinar.

Todos se enriquecem, menos o professor, porque está sempre
ocupado, ensinando ao aluno como enriquecer.

A meta do aluno é passar o professor para trás...
É a luta das gerações...

O professor é o pintor que trabalha a tela invisível da inteligência.

O carinho do mestre deve ser, como a luz do sol, para todos,
indistintamente.

A pedagogia, os métodos e as técnicas de ensino são as armas do
professor.

Cristo disse: "Nem só de pão vive o homem", e o professor ensina
a conhecer e amar a Cristo, a Pátria e a ganhar o pão.

Se existe subdesenvolvimento, é porque há países cujos
administradores desconhecem o valor do professor.

Lecionar é reviver os tempos...

O professor deve levar o mundo para dentro da sala de aula e dele
tirar o bem da vida.

(A Terceira Pessoa Depois de Ninguém - 1971)

CONTO EM VERSOS

A vida é uma corrente, com elos de minutos, horas, dias, semanas e mês, indo para a frente, somando-se anos, lustres, décadas e séculos outra vez.

Eu vim para este mundo, foi para puxar a corrente da vida, com alegria, liberdade e inteligência, mas o mundo é sujo e não dá guarida, mudando a nossa sorte com outras influências.

Eu queria ser sitiante, mas fui estudar, depois pensei em ser médico tratador, depois tentei serviço social, advocacia e acabei professor.

Nasci para viver no campo, na vida não há quem mande, até hoje não consigo conviver com os problemas da cidade grande.

Oh! Deus tirei-me deste martírio e devolvi-me a paz que eu tinha...

Mande-me para meu retiro, cuidar de novo da criação e da rocinha.

(O Sapeca – 1979)



O VALOR DA PRÁTICA

Um alcoólatra anônimo chegou em um botequim e pediu ao moço do balcão uma pinga oitenta.

O vendedor ao invés de dizer que não existia esta marca de cachaça, o que era muito mais cômodo, usou a prática e resolveu o problema com a matemática, e a lógica.

Colocou o copo sobre o balcão e botou nele meia dose de pinga cinquenta e um e completou a dose com pinga vinte e nove, atendendo a contento o freguês que pediu a pinga oitenta.

Em muitos casos mais vale a prática do que a gramática.

(O Sapeca – 1979)

ZÉ CONCEIÇÃO

José de Sousa Peres nasceu no Taquaral de Baixo, Orizona-GO, em 13 de abril de 1952. Filho de Altaides José de Sousa e de Maria da Conceição de Sousa. Servidor aposentado da Saneago, é casado com Tereza de Jesus Bastos de Sousa. Participou das coletâneas *Orizona em Prosa e Verso 2000* e *Orizona em Prosa e Verso 2002*. É autor do livro *Sentimentos de um Poeta* (2008), contendo poemas de sua autoria.

BELEZAS DO RIO CORUMBÁ

Descrevi com muito carinho,
As grandes belezas naturais,
Falando do Rio Corumbá,
Onde os recantos são belos demais.

Gigante de água barrenta
Cheio de rochedos e corredeiras,
Sua água tão violenta,
Forma remansos e cachoeiras.

Seu leito, que obra suprema
E em cima de pedras bem fixadas
Que serve de esconderijo
Do jaú, surubim e dourado.

Suas margens servem de abrigo
De uma fauna tão preciosa,
Pois aí mora a capivara velhaca,
A paca e a onça perigosa.

As ilhas são obras divinas,
Vejam a beleza que é
Refúgio de bichos e passarinhos...
Parece a Arca de Noé.

Sua água é tão perigosa
Mas tem praias aconchegantes,
Edificadas por esse monstro sagrado...
O nosso Corumbá.

Corumbá que já ceifou tantas vidas,
Já deu belos momentos de prazer.
Aqui mora a paz e a felicidade
Nesse recanto sagrado de lazer.

Corumbá é grande artéria de Goiás,
Onde corre como se fosse ar puro,
Orgulho de nossa terra querida,
Não sabemos qual será seu futuro.

Porque o homem,
Apesar da inteligência
Tem no peito coração de maldade,
Tenta destruir essa tão preciosa obra
Por falta de amor,
Respeito e dignidade.

Faço um apelo a você meu amigo,
Vamos preservar essa infinita
beleza,
Corumbá é um monumento sagrado
Um grande presente da natureza.

Zezé, 23/06/99

(Coletânea *Orizona em Prosa e Verso* - 2000)

AMOR DE MÃE

Amor de mãe é a coisa mais sublime
Pois só ela tem o poder da gestação
E é capaz de superar todos obstáculos
De conter o ódio para liberar perdão.

A mãe por mais frágil que seja
É sempre um gigante em ação
Passa dia e noite com o filho nos braços
Com o mais puro carinho e dedicação.

Enfrenta o mundo e arrisca a vida,
Mantendo em seu rosto grande brilho,
Renuncia-se à própria vaidade
Para se manter junto do seu filho.

Ela é enfermeira e advogada
Que trabalha noite e dia,
Cuidando do bem estar e defendendo o filho
Com amor, determinação e alegria.

Quando o filho é um recém nascido
A mãe sofre para dar a ele proteção
Quando cresce e se torna jovem,
Ela sofre de incomodo e desilusão.

Mãe! Palavra tão pequenina
De um significado tão abrangente
É o espelho de Cristo e da Virgem Maria
Que nas horas amargas está presente.

Mãe é expressão de carinho
De doação e amor profundo
Mãe é a palavra mais bela
Encontrada no dicionário do mundo.

(Sentimentos de um Poeta - 2008)

NADA MUDA O DESTINO

Nada muda o destino
Pois ele é traçado pelo criador
Todos nascem para ser feliz
Iluminado pela luz do amor

Para expressar a alegria
Como a beleza de um jardim de flores
Que lança na natureza o perfume
E enfeita as vidas com suas cores

Conserve seu gesto fraterno e amigo
Procurando sempre a amar
Abraçando seu próprio destino
Como os rios são abraçados pelo mar

A sinfonia do bem nos anima
Ajuda manter sempre a calma
Na imensidão desse mundo misterioso
Pois o mais importante para nós é a alma

Como o Arco-Íris bebe água na fonte
E jorra as cores da alegria
Assim também o destino deve ser encarado
Como os versos de uma poesia

Porque a poesia é fruto de uma inspiração
De uma ilusão colorida
E produz o alimento sagrado
Que mantém viva as chamas da vida

Ela é curta demais para vivermos oprimidos
Procure viver intensamente a felicidade
Por mais bela que seja a vida hoje
Um dia se tornará um palco de saudade

(Sentimentos de um Poeta - 2008)

SEBASTIÃO EDUARDO

Sebastião Eduardo é filho de Pedro Eduardo de Lima e Alvina Tereza de Jesus. Nasceu na fazenda Posse, Município de Orizona em 05 de outubro de 1940. É poeta, folclorista, compositor, charadista, violeiro. Participou das coletâneas *Orizona em Prosa e Verso 2000* e *Orizona em Prosa e Verso 2002*. É autor do livro *Reminiscências* (2011), contendo poemas de sua autoria.

ORAÇÃO A SANTO ANTÔNIO

(Moça dos 15 aos 20 anos)
- Milagroso Santo Antônio
Que já casou muita gente,
Mande-me um rapaz bem rico,
Bonito e inteligente:
Que tenha carro do ano,
Piscinas de água quente,
Não tendo essas qualidades
Não serve, sou exigente.

(Moça dos 21 aos 30 anos)
- Meu querido Santo Antônio
Já estou preocupada
Tô esperando sua ajuda
Até agora nada... Nada.
Mande-me qualquer rapaz
Para ser meu pretendente,
Não precisa ser bonito,
Basta ser inteligente.

(Moça dos 31 aos 40 anos)
- Olá meu Santo Antônio,
Eu mudei de opinião
Mande-me por favor alguém
De qualquer situação:
Cocho, manco, barrigudo,
Careca sem um tostão,
Pra encurtar a conversa,
- Se tiver vivo, "tá bão".

(Coletânea *Orizona em Prosa e Verso* - 2000)

CONTRASTES

Tem gente que tem estudo,
Tem gente equilibrada,
Tem gente que é sensata,
Tem gente que tem saúde,

- Mas não tem educação.
- Mas vive sem direção.
- Mas prefere a ilusão.
- Mas não tem disposição.

Tem gente que é maldosa,
Tem gente que é cobrador
Tem gente que não tem nada,
Tem gente que ama a Deus,

- E vive pregando o bem.
- Só que não paga ninguém.
- Outros não sabem o que tem.
- Ama o diabo também.

Tem muitos aventureiros,
Gente que dorme na cama,
Tem muito pobre tranquilo,
Tem ricos que estão correndo,

- Que vivem dando cabeçadas.
- Outros dormem nas calçadas.
- Levando vida folgada.
- Com a vida atribulada.

Tem gente que tem diploma,
Doutor morando na roça
Tem gente que tem dinheiro,
Tem inocente na prisão

- Mas não tem capacidade.
- E roceiro na cidade.
- Mas não tem tranquilidade.
- E condenados em liberdade.

Tem muita gente culpada
Tem muitos ricos e infelizes
Tem gente que nasce pobre
Tem gente que nasce rico

- Fingindo de inocente.
- Tem muitos pobres contentes.
- E fica rico de repente.
- E se transforma em indigente.

Certo é só Deus Poderoso
Manda a morte traiçoeira
Pegar o rico, pegar o pobre,
Ela não tem preconceito

- Com o seu poder profundo:
- Numa fração de segundos,
- O honesto e o vagabundo.
- Faz igualar todo mundo.

Maio de 1994

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2000)

MÃE

Mãe é criatura sublime
Que tanto queremos bem
Teu nome é tão singular
Que nem rima ele tem

Tanto amor e ternura
Carinho e afeição
A ti querida mãezinha
Minha eterna gratidão

Quando em minha euforia
Na vida eu estava contente
Esbanjavas tua alegria
Comemorando com a gente

Perdido, errante na vida
Na estrada com tantos espinhos
Foste a estrela guia
Mostrando o melhor caminho

Embora estando distante
Tenho comigo esta crença
Estás sempre a me guiar
Com tua invisível presença

Quando o leito enfermo
Sofrendo triste amargor
Foste o calmante remédio
No auge de minha dor

Estás noutra dimensão
Peço a Deus de bondade
Retribuir-te por mim
Tanta generosidade

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2002)

JURAMENTO DE UM PINGUÇO

Bebi pinga e comi ovo
Numa certa ocasião
Quase morri dessa vez
Com uma baita congestão

Na volta pra minha casa
Cai fundo numa grota
Se eu não fosse socorrido
Teria “batido as botas”.

Já penei muito na vida
Já chega de sofrimentos.
Criei vergonha na cara
E fiz um grande juramento:

Vou cumprir minha promessa
Jurei e não volto atrás
Bebo pinga todo dia
Comer ovo... Nunca mais.

(Reminiscências - 2011)

INÊS MARIA DE CASTRO

Inês Maria de Castro nasceu em 22 de julho de 1930 na Fazenda Taquaral de Baixo, Orizona-GO. Filha de Sebastião Rodrigues do Nascimento e Ana Maria de Jesus. Foi casada com Gustavo Pereira de Castro, já falecido. Participou das coletâneas *Orizona em Prosa e Verso 2000* e *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

CARTA VENTUROSA

Vai, carta venturosa para
Este mundo sem fim,
Vai dizer para Tânia que
Nunca se esqueça de mim.

Seus carinhos me fazem muita falta
Porque nunca me acostumei com
A falta que você me faz.

Eu queria ser um pássaro
Para voar contente.
Todo dia para ir ver
A família da gente.

Se a roseira tem a rosa,
Tem também o botão.
Eu tenho os meus filhos
Dentro do meu coração.

Quando meus filhos se casaram,
Tive uma grande satisfação.
Por isso hoje eu vivo
Sem preocupação.

Minha Mãe do Céu,
Quanto a Senhora sofreu,
Quando foi dar a luz,
Mas teve uma grande alegria
Por ser a mãe de Jesus.

Pessoas que amam
Mesmo com a distância,
Estão sempre juntas.
Deus, a todo momento está com você
O amor de mãe também é assim.

(*Orizona em Prosa e Verso - 2000*)

POEMA PARA A ROSA VERMELHA

Rosa vermelha orvalhada,
Foi criada por Deus,
Nosso pai,
Hoje ela está linda,
Mas depois murcha e cai.

Rosa,
Você está coberta de orvalho,
Por isso a todos eu peço:
Deixe você aí no seu galho.

Rosa, você é linda,
Não é mentira minha.
Foi você que extasiou
A Santa Terezinha.

A Rosa a extasiou
Junto à santa cruz,
Mas quem
Você enfeitiçou mesmo,
Foi Cristo Jesus.

Rosa, você fica aí no canto,
Bem perto do jasmim
Porque você é a flor
Mais linda
Desse jardim.

Inês Maria de Castro

(Orizona em Prosa e Verso - 2000)

O AMOR EM ORAÇÃO

Amar é perdoar, é saber consolar...

Amar é saber escutar o outro, é ver no próximo, o rosto de Jesus Cristo.

Amar é chorar com quem chora, é alegrar quem está triste.

Amar é aconselhar o outro, quando necessita.

Amar é aceitar a pessoa como ela é.

Amar é ajudar sem pensar na retribuição.

Amar é saber doar um pouco de sim.

Amar é não ser egoísta, pensando só em si...

Amar é viver cada momento, esquecendo o passado.

Amar é dar um sorriso a uma criança carente.

Amar é ajudar o idoso a continuar gostando da vida.

Amar é não maltratar a ninguém.

Amar é fazer o outro feliz.

Amar é partilhar com alegria.

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

OLIVEIRA MARÇAL

Oliveira Marçal da Silveira é filha de Joaquim Marçal da Silveira e Maria Olyntha F. Marçal. Teve a sua formação escolar iniciada na Escola Rural da Fazenda Borboleta. Fez o Ginásio no Educandário Missionárias de Jesus Crucificado (Ipameri) e o Magistério no Colégio Normal Santa Mônica (Goiânia). Formou-se em Nutrição e Supervisão pela Escola de Nutrição Firmina Sant'Ana (Belo Horizonte) e Pedagogia e Administração Escolar pela UCG (Goiânia). Participou da coletânea *Orizona em Prosa e Verso 2002* e publicou *Minhas Páginas* (2014).

SÍTIO DAS OLIVEIRAS

Motivo de alegria, satisfação,
Prazer, realização.
Ao longo da caminhada,
Dos desafios, das conquistas,
Pelos campos, montes, estradas,
Vilas, povoados,
Pequenas e grandes cidades.
Nas constantes subidas,
Nas frequentes viradas,
Presenciei amanhecer,
Vi noite chegar,
Vi a chuva cair,
Vi sol brilhar.
Tantas vezes, deslumbrada!
Outras tantas, desencantada!
Nos lugares todos por onde andei,
Fascinação não encontrei.
Sem me deixar levar pela desesperança,
Continuei.
A procura da paz que sempre sonhei.
Entretanto...
Após, longa caminhada
Foi no Sítio das Oliveiras que a encontrei.
Onde...
O verde é mais verde,
O céu mais azul,
O sol brilhante,
O luar mais aprazível,
Os arvoredos mais atraentes,
O canto das seriemas mais estridente.
A monotonia e tranquilidade das águas,
Represadas pela barragem, nos lembra com saudade,
Os amigos distantes.
Enfim, cá no sítio, tudo é fascinante.

(*Orizona em Prosa e Verso* - 2002)

VELHA PAINEIRA

Entre as mais antigas da fazenda

Árvore frondosa tombada por terra
Surpreendentemente.
Nas caladas da noite
Quando todos dormiam ela se despedia.
Num murmuroso adeus!
Adeus a tudo e todos aqueles com os quais conviveu
Durante a sua longa existência.
Despedida não de pesares, de amarguras ou de tristezas.
Despedida de sensação do dever cumprido.
Pelo muito que embelezou o ambiente.
Acolhendo os pássaros,
Oferecendo flores, sombras, frutos e suas painas.
Suas plumas alvissareiras sobrevoaram aos arredores.
Despertando a atenção de todos ali.
Aquele enorme árvore pitoresca, pensativa.
Parecia inabalável!
Adormecida eternamente.
No entanto, o tempo não para,
Não dorme, não se descansa,
Nem perdoa.
Encarrega-se de trazer alegrias e de levá-las embora.
Quando menos se esperava, restou apenas,
Hoje! ...
A poeira de suas galhas, de suas ramagens estendidas pelo chão.
Pelo mesmo chão que a sustentou por tanto tempo.
Ao pé da colina que lhe serviu de apoio e de proteção.
Sem sombra de dúvidas,
Com certeza:
Lembranças, recordações, saudades permanecerão.
Juntamente.
Com o clamoroso desabafo de seus contemporâneos,
Amigos de infância.
Deixando interrogações pairadas no ar
- Por quê?!...
- Como?!...
- Quando?!...
- Por que agora?!...
- Não se sabe...
Só Deus saberá.

18 de setembro de 2008
Fazenda Noroeste
Berço da família Marçal

(Minhas Páginas - 2014)

INQUIETAÇÃO

Não sei se por acaso ou se proposital, eu sei apenas que estive com alguém que Deus tentou colocar em meu caminho, em minha vida e este alguém partiu, deixando-me inteiramente só. Mais uma vez sozinha a fitar o infinito e interrogar a mim mesma. Por quê? Sem se quer, encontrar a razão, a resposta.

Só de uma coisa certifico-me, a sua ausência inquieta-me.

O vazio, a lentidão das horas curtidas entre as quatro paredes de uma repartição de trabalho, crimonizam-me. Os papéis sobre a mesa, os móveis distribuídos sobre a sala, o entrar e sair das pessoas, nada dizem-me, ao contrário, deixam-me ainda mais tediosa, indiferente, alheia a tudo e a todos.

Só uma vontade resta-me, a de partir também, correr... gritar... pedir... detenha-se, espera-me, eu preciso de você.

Oliveira, 27/05

(Minhas Páginas - 2014)

MARIA AVELINA DE CARVALHO

Maria Avelina de Carvalho é doutora em Linguística pela Universidade de Brasília - UnB, mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, possui graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Goiás. É pesquisadora nas áreas de Etnografia e Letramento. É professora adjunta da Universidade Paulista/ UNIP - Goiânia/GO e profissional de educação na Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. É autora de duas obras: *Tô vivo - histórias dos meninos de rua* e *A rua casa a casa rua*.

VIDA...

Milla menina,
Nasceu nascida
Com sol, amada
Como uma deusa.

Thiago menino,
Nasceu morrendo,
Chorando
Como o vento,
O frio,
O escuro...

Os dois se dariam
As mãos,
Unidos pela
Inocência,
Em berços
Diferentes
Em época
Diferente...

Milla e Thiago,
Mudariam o
Rumo da história.
Milla, só
Ficou você.....
.....

Tia Avelina.

(*"Tô vivu", histórias dos meninos de rua* - 1989).

EDIR GONÇALVES

Edir Gonçalves nasceu em Orizona, Goiás no dia 20 de novembro de 1964. É o terceiro filho dos cinco de Joaquim Gonçalves Primo e de Maria Abadia Ferreira Gonçalves. Com dedicação à poesia ao longo da sua vida, publicou *Não Saio de Mim – O Começo* (2000) e participou da coletânea *Orizona em Prosa e Verso 2000*.

NADA DO QUE FOI SERÁ

No passado, ficaram momentos marcantes
Nas nossas vidas, tristezas e alegrias.
Alguns períodos insignificantes,
Mesmo assim, perdemos um amigo outro dia.

Alguém foi aprovado no vestibular,
Fez uma “negociata”, iludido;
Inúmeras dificuldades e azar,
Mas, os truques foram aprendidos.

Depois da tempestade veio a bonança,
Vivemos divertidas fantasias;
Após o sofrimento e longas andanças,
Paramos, pensamos, estendemos à mão quem pedia.

No passado, aprendemos viver,
Muitas batalhas e, como recompensa,
Recebemos a medalha de amar e poder
Recomeçar novamente com crença

De certa forma, tantas vidas,
Fizeram um verdadeiro espetáculo, claro e duro;
Mesmo assim, nestas jornadas sofridas,
Assistimos o passado, sonhando com o futuro.

Orizona, GO
1981

(Não Saio de Mim: O Começo - 2000)

UM DIA DE PRIMAVERA

Jardins cobertos de flores
Aromas perfumando os ares
É primavera, passeios nos campos
Colhendo violetas, jasmims...
Tempo de amar a liberdade
Ver os beija-flores
Sentindo o néctar, pairando no tempo
Estação colorida de branco, verde
Vermelho, azul, de rosas
A vida é atraente, cheia de paz.

Goiânia, GO
1986

(*Não Saio de Mim: O Começo - 2000*)

AMOR PERFEITO

Quem ama não vê defeitos
Quem ama desfaz o defeito
O amor é perfeitamente cego
E desse jeito, ou de outro jeito
Aceitamos a pessoa como ela é
Onde está o direito, quando o feto
No ventre, está gerando uma nova vida
Não há defeito, o eleito é o perfeito.

Quem ama não encontra erros
Quem ama acha que não pode errar
Vive com o ente querido e duvido
Que alguém não chora quando este se vai
Homem e mulher, duas características feitas
Na luz do mundo
Seres que procuram a perfeição.

Amar é doar tudo, viver em dois
Duas vidas nas dificuldades
Nos tormentos, na felicidade
Atual e futura conjuntura
Grande família, com filhos
Netos, bisnetos... Sempre
Gerações perfeitas.

Goiânia, GO
1987

(*Não Saio de Mim: O Começo - 2000*)

DE JESUS

Ser assim, um pouquinho de nada,
Gostar do mundo, tudo aceitável.
Sonhar e acordar. Sorrir sempre,
Simplesmente crer na
“Força divina”.

Compreender o universo perdido
No espaço de um tempo
Infindável.
Deus existe, eu sei.
Agora sou forte do seu lado.

Canto uma canção suave
E entrego-me de corpo e alma.
Manhã de sol,
Brisa no rosto,
Brilha uma vontade radiante
De encontrar-me com a paz.
Ajudar você.

Vou assim, um pouquinho de tudo,
Nada no mundo, levando fé,
Sem precisar chorar.
Sorrir sempre,
Sonhar com o amanhã,
No paraíso prometido.
Simplesmente crê na
“Força divina”.

(Orizona em Prosa e Verso - 2000)

ANTÔNIO BAIANO

Antônio Pereira de Almeida nasceu em 25 de setembro de 1962 em Coribe-BA. Em agosto de 1974, residindo na fazenda Capim, Orizônia-GO, iniciou sua participação nas CEBs – Comunidades Eclesiais de Base. Ainda na adolescência passa a se interessar pela música e a partir dos 18 anos começou sua produção de músicas e poesias e a tocar na Igreja. Na década de 1990 publicou a coletânea *Seduzindo a Razão* (1990) e lançou o CD *Em Canto pela Terra* (1999). Dez anos mais tarde, veio o segundo CD *Horizontes* (2009). Participou da segunda coletânea *Orizônia em Prosa e Verso* (2002).

SILÊNCIO QUE TORTURA

São horas inteiras de conversas
A multidão de personagens ocultos
Envolta de uma cadeia de mistérios.
Conversa que não ultrapassa o limite da garganta
Nasce no coração ferido, sufocado
Barrada pela censura desmedida
Perdida num corpo adormecido pela paixão.

Oh! Espírito incansável
Por que passas o tempo a viajar?
Por que buscas lembranças que machucam?
Memórias falantes amadurecidas na minha intimidade!
Silenciou-se a caixa de ressonância
Ninguém pode ouvir o que fala meu espírito
Pobre locutor incansável, emudecido!

Dez vezes evoco seu nome
Meu grito não ecoa nos ares
Se nega a bloquear o espaço
Volta antes mesmo de sair.
Permanece todo tempo a me torturar
Sádico silêncio
Torturador de meus dias!
Incansável viagem na História
A perseguir meus dias.

A.B.

(*Seduzindo a Razão* - 1990)

ASAS CORTADAS

O bico afiado
Feriu minhas asas
Meu próprio bico
Em compassos de segundos
Feriu minha carne.
De mim lentamente
Saiu cada pena.

A liberdade, a alegria
De mim saíram.
Até o canto!
Restou-me a lembrança
Da longínqua e melancólica canção
Do macho sabiá solitário.

Cantava a ausência
Do amor, da amada.
Lembrava o tempo das penas
Das cores vivas, contrastantes
Do maravilhoso aspecto.
Um tempo de festas e de flores
De vida e paixão.

As palavras
Em canto transformadas
Decretaram-me a prisão.
Da vida
Restou o esconderijo da tristeza!
Companheira tristeza amiga.
Restou-me a saudade
Sádica saudável saudade
De voar e espaço presunçoso.
Ficou a triste prisão sem grades
Cenário de mutilação
De vidas,
De voos,
Asas cortadas...

A.B.

(Seduzindo a Razão - 1990)

ABRIL BRASIL

Por que Brasil?
Melhor se não tivesse esse nome
Se teu nome continuasse como nasceste
Guarani, Xavante, Jê
Tupi, Tapirapé, Tapuia,
Bororo, Bacairi e tantos outros...
Ilha primeira a que desembarcaram os demônios da conquista
Ilha dos Pataxós!
Cabral chegara para acabar
Com a harmonia
Com a alegria da dança, dos cantos,
Dos ritmos vários e dos ritos à natureza
Destruíram a mata, mataram a beleza
Na fúria da conquista
Trouxeram ferro que fere
Feriu a alma dos Pataxós,
Parentes de muitos, meus parentes.
Com a cruz da ignorância
Domaram o indomável
Com o nome de evangelho.
Não entenderam nada
Não ouviram a sabedoria dos velhos
Os conselheiros Pataxós!
Impuseram à força, a força de um só;
O sangue assassino se encabralou Brasil adentro
Pousou nas veias das elites
Que pregaram a morte
Como sacrifício a Deus.

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

TERRA VERMELHA

Da terra vermelha
Nasce a vida!
A vida dos pássaros
A vida dos bichos
A vida da gente.
Na terra vermelha.

Da terra vermelha
De nome Brasil
Percebe-se a vida.
Dos pássaros que morrem
Dos bichos que somem
E a vida das gentes
Morrendo de fome.

Na terra vermelha
Que tudo produz:
Arroz e feijão,
O milho e a mandioca
Tem muita fartura.
Resta o abandono
Na agricultura.

Na terra vermelha
Que poucos dominam
Aos pobres eliminam
Do direito à terra
O direito à vida
E são condenados
A morrer sem comida.

A terra vermelha
Agora arrancada
Dos donos da terra
Fica desolada.
É prostituída
Dominada, sem vida.

Na terra vermelha
Ouve-se um grito
Dos índios sem terra
Dos pássaros sem ninho
Dos bichos sem tocas
Dos homens sem vida
Sem casa ou maloca.
Na terra vermelha
Brota a esperança
De ver pássaros voando
Os bichos com vida
E a vida da gente
Sempre prosperando.

Se lembre que a terra
A nós foi doada
Pra ser cultivada
Ser fonte de vida
Da vida das plantas
Dos pássaros e dos bichos.
A vida da gente
Na terra vermelha.

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

WELSON LUIZ TAVARES

Welson Luiz Tavares nasceu em 12 de novembro de 1943, na Fazenda Nivel, município de Orizona. É filho de Ovidio Tavares (Vidinha) e Maria Joana de Jesus. É mecânico, músico e compositor fecundo. Participou da coletânea *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

O AMOR E A MATEMÁTICA

De tanto multiplicar, dividir e somar
Estou ficando maluco não acho a solução
De tanto andar sem rumo pelas estradas sem fim
Mas a vida é assim vivendo de ilusão
Se multiplico por 3 dá nove o resultado
Aí eu fico zangado se a prova eu tirar
Pois tenho toda certeza de novo fico sem nada
Não chego ao fim da estrada e não consigo parar

Na conta de dividir, vivia te dividindo
Mas foi este o destino, o que veio acontecer
Eu era muito criança acreditava em tudo
E me fazia de mudo com medo de te perder
Mas a idade chegou e com ela a decisão
Resolvi deixar de mão e seguir mesmo sozinho
E na estrada da vida encontrei pedras e flores
Encontrei muitos amores pra dividir meus carinhos

Hoje somando a vida somei os dias que foram
A vida que tive a dois e a que vivi sozinho
Somando os dias amargos dão quase a minha existência
Mais tudo isso compensa pois hoje eu tenho carinho
Nas noites de solidão, nos dias de aventura
Encontrei a criatura para somar meu sofrer
Hoje tenho de tudo e vivo a realidade
Somando a felicidade, minha razão de viver.

*Letra e música
Welson Tavares*

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

HI NO A NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Bendita seja
Senhora da Piedade,
Nossa Padroeira
Rogai pelos filhos teus.
Bendita seja,
Ó Mãe dos orizonenses,
Este povo te pertence
Fazei de nós povo de Deus.

**Senhora da Piedade
Nossa Padroeira, Mãe de Jesus.
Senhora da Piedade
Ao céu nos conduz.**

Estrela guia
Conduzindo ao criador
Santa Medianeira
Nos traga Paz e Amor.
Estrela guia
Envolva-nos com teu manto
Seus filhos se orgulham tanto
Sendo nossa Padroeira.

Refrão...

Welson Tavares e Sebastião Eduardo

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

EURÍPEDES ADÃO DE OLIVEIRA

Eurípedes Adão de Oliveira nasceu em 25 de julho de 1964, no povoado de Montes Claros, Orizona-GO. É filho de Sebastião Antônio de Oliveira e Domingas Maria de Oliveira. Publicou poemas no jornal *O Pioneiro* e revista *News Brasil* e participou da coletânea *Orizona em Prosa e Verso 2000*.

CAMPO FORMOSO

O campo,
É campo das flores,
É charme, é vida
É palco de amores.

O campo
É paz, tranquilidade...
Ideais de todo encanto
Fez surgir uma cidade.

Uma Campo Formoso
Para olhar tão garboso,
Garbeia o amor...
Um campo florido
Para olhar atrativo.
Galanteia-se uma flor.

O campo cheio de amor,
Transborda em alegria e poesia,
Tais encantos, minha flor.

Amo o meu campo,
Que apraz meu canto,
De sorriso e de encanto
E olhar tão garboso...
Eis minha Campo Formoso.

Eurípedes Adão de Oliveira

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2000)

VÃO MEUS DEDOS A ESCREVER

Vão meus dedos a escrever
As sombras de um poeta só,
Que não sabe como viver
Neste mundo sem ter dó.

Vão meus dedos a escrever
A vida escombra da solidão,
Que não sabe como querer
O amor de um só coração.

Vão meus dedos a escrever
A história negra da ilusão
De um poeta que veio a sofrer
Os conflitos da paixão.

Vão meus dedos a escrever
Um coração cheio de dor
Que não sabe o que fazer
Neste mundo sem amor.

Vão meus dedos escrever
Solidão do amargor
Que no poeta veio viver
Causando a ânsia de uma dor.

Vão meus dedos a escrever
Males sofridos pela bebida
De um poeta que veio a beber,
Sem ter amor na sua vida.

Vão meus dedos a escrever
A força maior do Criador,
Que veio a me socorrer
Pelo poder do Salvador.

Vão meus dedos a escrever
Um novo amor que
Vou encontrar
Com este sem sofrer
E quando este amor chegar
Então alegre irei amar com
Os meus dedos de escrever.

Eurípedes Adão de Oliveira

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2000)

NO REINO DO CRIADOR

Localize a alma dos seus pensamentos,
Sintonize sua vida no Deus Poderoso,
Mergulhe na verdade em todos os momentos
E tornará seu caráter limpo e valoroso.

Deixe de lado o mundo cruel e pecaminoso,
Que jorra sangue e faz ferir o irmão:
Chacinas – latrocínios – causam destruição,
Não sejas tu racista – nem tampouco preconceituoso.
Apegue-se a Cristo – seja um vitorioso
E o Deus da vida lhe trará paz e salvação.

Não dê lugar à ira nem colerize seu irmão
Pois, onde renascer em bonança – reinará tua união...
Peça a chuva da paz em todo o seu caminho
Molhe sua alma nas águas da compreensão
E onde tu passares – não pisarás no espinho.

Aqueça sua vida no sol da grande bondade
Reparta com quem não tem – fazei caridade,
Fazei reinar o amor – a suprema excelência do Criador
Descanse sua tormenta na luz da paciência
Reverencie os ares da tua vida e regozije a felicidade,
Pois, onde tiver sua sabedoria – ali fartará sua inteligência.

Não cuide que o vosso hoje reflita em arrogância,
Nem deixe ser levado pelos males da ganância
Com os teus olhos santos verás a cor da petulância
E dela desviará – mas, o indulto cairá na inconsequência.
Cuidado com as drogas – elas podem matar... Esfacelar!
Se delas desviares e não entrares – continuará vivendo,
Mas, se nelas aprofundares, na certa tu estarás morrendo,
Use tua mente para o bem e verá tua força vencendo
Porém, se não usares – assistirá teu corpo padecendo.

Orizona, 04/02/2000

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2000)

JOÃO PEREIRA DE ALMEIDA

João Pereira de Almeida é natural de Coribe-BA. Imigrou em 1974 para Orizona-GO. Nasceu em 9 de janeiro de 1968. É filho de José Ferreira de Almeida e Marcionília de Jesus Almeida, casado com a professora Conceição Aparecida Fernandes Almeida. É técnico agrícola, professor licenciado em Letras e pós-graduado em Formação Socioeconômica do Brasil. Participou das coletâneas *Orizona em Prosa e Verso 2000* e *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

AS HORAS E O TEMPO PASSAM

As horas passam
Passa o tempo,
Passa o vento,
Tudo passa.

Passa o tempo,
Passa o vento,
Passo eu.

Passadas... Passadas... Se vão...
Fico eu, João com minhas
Imaginações de um tempo
Passado.

O passado passou,
A busca do presente
Que sonhou em construir o
Futuro.
Fiquei nesse emaranhado de tempos verbais.
Entre o presente, o passado e o
Futuro.

(Orizona em Prosa e Verso - 2000)

“NOITES”

Noites frias
Noites vazias
Noites de luar.

Noites calmas
Gritos, berros, soluços...
Casais entrelaçando aos beijos
Corujas a zunir no universo cintilante.

E eu aqui a admirá-la,
Razão dos versos meus:
Paixão escondida à distância.

João Pereira de Almeida

(Orizona em Prosa e Verso - 2000)

A PÁTRIA

Nosso céu, o solo, as águas
As famílias, o povo brasileiro
Com todas as suas riquezas.

As pessoas no passado,
Presente e no futuro, milhares
De pessoas pobres, ricas,
Brancas e negras, lutando
Para construir uma nação
Mais justa e solidária.

Problemas, desafios, existem
E sempre existirá, enquanto
Houver mundo e o ser humano
Cheio de conflitos e sentimentos.

Encha o peito de sentimentos
Lute, tente, invente, valorize
O que é seu fazendo sua
Parte e terá um Brasil melhor,

Um Estado melhor, uma Orizona melhor
E sentirás melhor, melhor... E quem sabe,
Serás feliz...

Brasil, terra de sonhos,
Filosofias e versos de
Milhões de brasileiros.

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

SER EDUCADOR

É preciso querer
Ter a capacidade de amar a si mesmo
E seu semelhante.
Ser sedento de aprendizagem, capaz de aprender...

Ser capaz de realimentar o
entusiasmo,
O sorriso, a alegria, a cada
amanhecer.
É viver a vida em plenitude,

Admirando a beleza;
Enfrentando desafios;
Cumprindo deveres e promessas,
Superando sofrimentos.

É perceber a presença de Deus em
tudo:
No homem, na natureza...
É sempre abrir a porta com emoção.

É abraçar a esquina,
Mundos, flores, luzes, livros,
Estudar sempre,
Acreditando que o amanhã será diferente e melhor.

Sucesso!

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

MARIA EDILENE PEREIRA RINCON

Maria Edilene Pereira Rincon nasceu dia 21 de agosto de 1970, na cidade de Pires do Rio. Filha de Antônio Olímpio Pereira e Maria Alaydes Pereira. É professora, formada em letras pela Universidade Estadual de Goiás e pós graduada em Pedagogia da Alternância pela Universidade Católica de Brasília. É apaixonada por literatura e escreve poesias desde criança. Participou das coletâneas *Orizona em Prosa e Verso 2000* e *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

AMAR

Amar é uma alegria infinita
felicidade constante
festa e encanto
o sofrimento é leve.
O ciúme um martírio
decepção uma lagrima
distância uma saudade
perda uma solidão
amar acalenta a alma
apazigua o coração
enche de esperanças
os dias enfadonhos
é um bem querer
uma entrega de
corpo e alma
é paz conquistada
suspiro dobrado
é desejar o melhor para o outro
o amor perdoa
porque é esperança
quebra a barreira
do certo e do errado
é força maior
o amor transforma, renuncia
multiplica e divide.
está além de nossas vontades
desejos e sonhos
porque é maior
que nossa sã consciência.

(*Orizona em Prosa e Verso - 2000*)

VIVER

Viver é vibrar
com pequenas coisas
falar o que pensa
expressar sentimentos
viver é realizar sonhos
lutar e sentir
o sabor da vitória
é sorrir, mesmo que
as circunstâncias
sejam negativas
viver é ver a beleza
de uma flor
o cantar dos pássaros
a brisa da noite fresca
Viver é conquistar
estar bem com o íntimo
sentir a vida pulsar
É um rascunho, o qual
ninguém jamais passará
a limpo, pois viver é
apreciar unicamente o
momento presente.

(Orizona em Prosa e Verso - 2000)

AMAR

Amar é pensar em você, desejá-lo
Querer sua alma, seu corpo
Alegrar-me com sua alegria
Sofrer sorrindo por amar você
Vibrar com suas vitórias
Sentir saudade mesmo tendo-o por perto
É buscar você no sonho.

Amar é admirar você na criança
Incentivar no fracasso
Namorar na rotina
Buscar o impossível
Criar loucuras
Criar realidades
Fazer da pequenez grandiosidade
E das diferenças igualdades.

Amar é sedução, conquista, paixão
O beijo molhado, abraço apertado
O olhar dengoso, sorriso gostoso
É entregar-me por inteiro, de alma.

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

SEM QUERER

Sem querer te conheci
Sem querer me envolvi
Sem querer me apaixonei
Sem querer não te esqueci.

Sem querer estava inerte
Sem querer me despertou a sedução
Sem querer brotou em mim a paixão
Sem querer penetrou a minha solidão.

Sem querer meu olhar te despertou
Sem querer nem pensei
Sem querer nos teus braços me atirei
Sem querer por completo te amei

Sem querer me fez mulher
Sem querer num sonho me envolvi
Sem querer em ti me perdi
Agora querendo me encontrar
Não consigo te esquecer.

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

GERSON PINHEIRO

Gerson Pinheiro nasceu dia 11 de junho de 1958, na fazenda Taquaral de Cima, Orizona-GO. Filho de Francisco Joaquim Primo e Maria das Dores. Pai e avô, é casado com a professora Uilsa Maria Luiz de Oliveira Pinheiro. É servidor público do Município de Orizona. Participou da coletânea *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

PÃO PARA QUEM TEM FOME

Seu moço!

Olha aqui para mim.

Hoje sou assim, sempre fui assim. Hoje sou assim, não que eu quero não, foi você quem me fez assim.

Você se lembra!

Quantas vezes me renegou? Você me renegou e me crucificou? Seu moço, hoje estou crucificado para sempre, e você? Será que você já pisou ao menos em uma pedra para sentir a minha dor? Sentir o quanto é doido os pregos que você colocou em mim.

Há!

Eu sei que não. Você, você tem calçados. Calçados até de sobra em sua casa, enquanto eu não tenho sequer um par de sandálias já usadas para calçar. Será que você já experimentou o que é não ter roupas para vestir nem um teto para morar? Eu sei, também, que não. Eu sei que em seu guarda-roupa, você tem roupas que nem usa mais, porque estão fora de moda.

Há!

Eu não. Eu não tenho ao menos roupas ultrapassadas para vestir, um teto, nem se fala.

Quantas vezes eu já dormi deitado na calçada de seu palácio porque o portão estava trancado e bem guardado por guardas armados até os dentes. Enquanto você dorme em uma cama limpinha, com cobertores cheirosos e quentes, eu durmo aqui pelas calçadas e quem sabe no banco da praça, envolto com um ralo cobertor ou um pedaço de jornal e até sem nada.

Você sabe bem disso, seu moço!

Quantas refeições faz ao dia? Uma, duas, três, quatro...

Há!

Pobre de mim: passo um, dois, três dias sem ter o que comer. Eu não reclamo, mas eu sei que em sua casa sobra...

Quantas vezes eu já peguei restos de comida naquela lata de lixo, que tem em frente da sua casa! E ainda agradeço. Agradeço a Deus por tudo.

Seu moço e é por todas essas coisas que sou assim... Sou muito doente, porque você não me dá remédios, sou maltrapilho: porque você não me dá ao menos uma roupa velha; sou faminto, porque você não me dá um pedaço de pão. Sou marginalizado pela sociedade porque você não me confia um emprego, uma chance ao menos.

Se hoje sou assim, seu moço, não é culpa minha não, isso eu lhe garanto...

- Pobre de mim, que nada tenho a oferecer, mas pobre de você, que tudo tem e não sabe ter.

- Do meu nada, dou tudo em seu santo nome e você, que tudo tem, dá ao menos um pedaço de pão a quem tem fome!

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

VÓ... ANA

(1987)

Uma pessoa que conheci,
Sei que nunca vou esquecer.
Alma boa, parece uma santa,
Pois fez por merecer.

Na sua simplicidade,
Fez tudo que uma boa filha faz.
Soube ser fiel esposa,
Mãe, que só plantou a paz.

Como todas as mulheres,
Teve, também, seus dias de cruz.
Mas soube se levantar,
Confiando sempre em Jesus.

No seu físico, parece tão fraca,
No seu íntimo, a força do Espírito.
Sua voz tão suave e mansa,
Fez calar o maior dos gritos.

É para todos sinal de exemplo,
Sendo por todos admirada.
Apesar da idade,
Continua firme na caminhada.

Toda pessoa tem sua história,
Toda pessoa tem o seu fim.
Muitas são esquecidas,
Mas esta, ficará sempre em mim.

(Orizona em Prosa e Verso- 2002)

MARIA APARECIDA PINHEIRO MACHADO

Maria Aparecida Pinheiro nasceu em 08 de junho de 1959. É filha de Abel Pinheiro e Maria dos Anjos Castro Pinheiro. Viveu a infância na Fazenda Taquaral, município de Orizona. Licenciou-se em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás e especializou-se em Formação Socioeconômica do Brasil pela Universidade Salgado de Oliveira. É servidora aposentada da Rede Estadual de Educação. Artesã e poeta, participou da coletânea *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

DISCRIMINAÇÃO

Outro dia, quando estava
Assistindo televisão,
Um fato muito triste
Chamou-me a atenção.

Uma linda jovem negra
Em busca de profissão,
E que não foi aceita
Por uma simples razão.

A cor de sua pele,
Pois não era loira não.
Apesar de sua experiência
Em exercer aquela função.

O fato de ser negra
Causou-lhe decepção,
Pois infelizmente, no Brasil
Há muita discriminação.

O negro veio da África
Pra ser usado na escravidão,
E hoje, na mesma pátria,
Não é considerado cidadão.

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2002)

DESTRUIÇÃO

Meu Brasil é terra linda,
Cheia de grande beleza,
Mas, nossa gente não valoriza
Essa fonte de riqueza.

Com o desmatamento, queimadas,
E construção de represas,
Vão destruindo aos poucos
A nossa mãe natureza.

O uso de agrotóxicos,
Também nos causa tristeza:
Contaminam os nossos rios, o solo,
E as plantas, com certeza.

Destroem a fauna e a flora
E as deixam sem destreza.
Os nossos animais e plantas
Perdem a sua grandeza.

São obrigados a fugir
Ou morrer sem defesa,
Tornando-os insignificantes
Para os homens cheios de proeza.

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2002)

HOMENAGEM

Ao meu pai -

Homem simples e honesto,
Honrado e trabalhador.
Sempre mostrou com a sua vida
O que é o verdadeiro amor.

Sua fé fala mais alto
Em qualquer situação.
Tranquilo ou preocupado
Sempre se apegava à oração.

Pai e avô dedicado,
Amigo e esposo fiel,
Estas são qualidades
Da pessoa do Senhor Abel.

É um exemplo, nunca fraqueja,
Sempre firme, segue em frente.
Meu pai eu te prometo:
Te amarei eternamente!

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2002)

FERNANDO ALMEIDA

Fernando Almeida nasceu em 22 de agosto de 1990 em Orizona-GO. É filho de João Pereira de Almeida e Conceição Aparecida Fernandes Almeida. Formado em Letras pela Universidade Estadual de Goiás. É professor de Gramática, Literatura e Redação. Ainda muito jovem, participou das coletâneas *Orizona em Prosa e Verso 2000* e *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

O DENGUE

Eu tento, mas não invento...
O mosquito vai com o vento,
O mosquito não importa,
Está em todo lugar...
Então melhor é se cuidar
Senão doente ficará.

A mensagem já foi dada
Agora! Cuide e não deixe
Água parada.

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2000)



DENGUE

Essa dengue é um terror
Não sei aonde vou
Eu não sei se vou atrás
Ou se corro demais.

Essa dengue é um terror
Pega gente aonde for
Pega jovem, menino.
Pega até vovó e vovô.

O pessoal agora!
Vai se cuidar e
Com a dengue acabar
“Senão doente ficará”.

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2000)

PÁSSARO

O pássaro que marcou o meu quintal com o seu pezinho de barro,

Aquele que cantou no meu jardim.

Comeu a semente da minha árvore,

Que levou a carta para minha donzela...

Voa

Pássaro,

Voa... voa... voa...

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2002)

PADRE LUIZ RENATO CARVALHO DE OLIVEIRA, SJ

Luiz Renato Carvalho de Oliveira nasceu em 27 de janeiro de 1967 em Orizona-GO, numa família católica. Na adolescência começou a pensar em ser padre. Depois de uma experiência vocacional com os jesuítas em Juiz de Fora - MG, foi aceito para o Noviciado da Companhia de Jesus. Estudou na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em Belo Horizonte-MG. Ordenou-se presbítero no dia 28 de julho de 2001, em Orizona. Atualmente vive em Bogotá- Colômbia.

TERNURA

Eu sinto que tu sentes
Os sentimentos do mundo.

Eu vejo os teus olhos
Contemplando a beleza.

Eu toco no toque de tuas mãos
Que alcançam as mãos do povo.

Eu ouço o teu sorriso
Ouvindo a música dos pássaros.

Eu sonho nos teus sonhos
A lembrança do nosso amor.

Eu abraço nos teus braços
Abraçando toda a esperança.

Eu coloco a minha vida na tua vida
A serviço do teu povo.

Eu busco tua justiça
Na dor dos que sofrem pelo Reino.

Eu oferto meus dons
Frutos do teu amor.

Eu deito no teu colo adormecido
Na ternura do teu aconchego.

Renato, SJ

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2002)

ANSELMO PEREIRA DE LIMA

Anselmo Pereira de Lima é natural de Orizona – Goiás. Nasceu em 24 de setembro de 1983 e cresceu na comunidade Estiva de Cima, no mesmo município. É filho de João Bosco de Lima e Neusa Pereira Rosa e casado com Iara Silva. É Técnico em Agropecuária, Tecnólogo em Irrigação e Drenagem e especialista em Gestão Pública. É servidor público do Município de Orizona desde 2004. Participou da coletânea *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

ONDE PLANTAR?

A Antônio José de Lima

Quando acabarem as matas,
Onde iremos plantar?
Questionava sempre meu avô
Com medo de terra fértil,
Nunca mais encontrar.

Naquele tempo toda a rapaziada
Ia para a lavoura trabalhar.
A família era grande,
Muita gente para alimentar.

Terra fértil,
Só nas matas podiam encontrar.
O resto era cerrado,
Não prestava para plantar.

Não conheciam o adubo
Para a terra melhorar,
Plantavam a semente
Até o recurso se esgotar.
Então escolhiam outra área,
Que pudesse semear.
Jogavam uma boa semente
Para bons frutos retirar.

O transporte era o carro-de-bois,
Que muita carga podia suportar.
Era mesmo necessário,
A viagem era longa de se admirar.

Acabaram-se as matas
Novas técnicas tiveram que buscar,

Porque no cerrado
Sem adubo não podia plantar.

Vieram os tratores,
Que do homem tomaram lugar,
Deixou muita gente sem emprego
Para poder se sustentar.

Foi muita gente para a cidade
Para poder trabalhar,
Mas começaram a passar fome,
Ali não era seu lugar.
Para a roça
Não podiam mais voltar,
Venderam suas terras
E não tinham mais onde morar.

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2002)

TRONCOS E ALGEMAS

Eis u'a mente escravizada
Algemada em seus ideais
Amarrada ao tronco da repressão
Condenada à morte
E à criminalidade
Por ter nascido jovem.
Hoje, choro por não poder pensar
Em uma dignidade diferente,
Inédita nesta nação endiabrada,
Por não poder ser gente.

Se pudesse nascer novamente
Queria apodrecer em um ventre materno
Para não ver com meus olhos
E sentir com minha alma
Os efeitos de uma lei de censuras
E desrespeitos aos direitos humanos.
Talvez se fosse animal
Não seria tão maltratado,
Mas seria melhor suportar
As dores de uma picareta
Sendo uma rocha rachando
No calor do sol fervente.

(Coletânea Orizona em Prosa e Verso - 2002)

AMANDA LAURA COSTA

Amanda Laura Costa é natural de Orizona-GO. É filha de Joaquim Costa e Clarinda Afonso Cassimiro, oriundos da região da Cachoeira. Participou da coletânea *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

LUTE SEM DESCANSO

Se o cansaço te alcançar
Não te sintas inferior
Tua força principal
Está no teu interior

Tu tens braços e pernas
Tens força e sabedoria.
O mundo precisa de ti
Toda noite, todo dia

Se não conseguir mais lutar
Pense no bem que fizeste
O mal será vencido
Siga e tente outra vez

Deus faz o homem
A Sua imagem e semelhança
Deu-te o dom do amor
Depositou em ti fé e esperança

Nunca olhes para baixo
Que tu não és assim
Um ser fraco e derrotado
Tua vida não está no fim.

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

A FONTE

Um dia andando pelo jardim
Uma fonte linda encontrei
Da água pude me saciar
E para a vida despertei

Meu jardim era tão triste
Flor nenhuma não havia
Só a fonte que me trouxe
Tanta paz e harmonia

Era um lugar deserto
O Senhor me deu a mão
Acolheu-me para o futuro
Deu-me força e direção

A fonte parecia permanente,
Mas em um segundo foi embora,
Tu ficaste comigo,
Não importa dia nem hora

Naquele momento pude aprender
Deus está em todo lugar
Não importa o perigo e a distância
Ele irá te salvar.

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

ANA ISABEL RIBEIRO

Ana Isabel Ribeiro nasceu em 18 de setembro de 1984 em Orizona-GO. É filha de Tarcísio Ribeiro e Luzia Vieira Pereira Ribeiro. Professora formada em Biologia e mestranda da Universidade Federal de Goiás. Participou da coletânea *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

MEDOS

Tive medo do mundo
Contentei-me em chorar
Tive medo das pessoas
Por receio de magoar
Tive medo de sorrir
E com a dor dos outros brincar
Tive medo de aprender
E não saber ensinar
Tive medo de um amigo
Para nunca enganar
Tive medo de um irmão
Para não o maltratar
Tive medo do trabalho
Por não querer me sujar
Tive medo de dormir
E mais tarde sonhar
Tive medo de sonhar
E não mais acordar
Tive medo de orações
Por não saber orar
Tive medo de acolher
E não saber ajudar
Tive medo das situações

Para não as enfrentar
Tive medo dos bailes
Por não saber dançar
Tive medo de olhar
E quem sabe enxergar
Tive medo do escuro
Por medo de tropeçar
Tive medo das sombras
Pois queriam me guiar
Tive medo dos meus pais
Que tanto quiseram me ajudar
Tive medo das lágrimas
Pois poderiam me afogar
Tive medo da realidade
Para não a enfrentar
Tive medo de grandes mestres
Pois poderiam me castigar
Eu quis correr, mas tive medo
De não mais parar
Eu quis ser feliz
Mas tive medo de tentar
Te perdi por ter medo de amar!!!

(*Orizona em Prosa e Verso -2002*)

BRASIL

Colombo avistou
Álvares Cabral se apossou
D. João aparentou,
Pedro I roubou,
Pedro II continuou
Deodoro seu nome pintou
A República ele inventou
Floriano o caminho traçou
Moraes se interessou
Campos enfeitou,
Rodrigues adotou,
Técnicas ele valorizou
Pena melhorou,
O progresso ele tentou
Peçanha tumultuou,
Hermes nessa entrou
A galera se revoltou
Venceslau disputou
Algumas ele ganhou
Artur marcou
Revoltas ele não evitou
Washington bem que tentou
Mas Nova Yorque não deixou
Getúlio seu poder ditou,
Não aguentou se suicidou,
Eurico também infernizou,
Kubitschek Brasília fundou,
Quadros mal ficou
E com isso decepcionou
Goulart inventou
O que a multidão desmanchou,
Castelo Branco lançou
Um regime que dançou
Costa e Silva até que tentou
Só não nos afundou
Porque a morte o barrou
Médice nos sacrificou
Boa fama não levou
Geisel vigorou
Um plano que enfatizou
Figueiredo continuou

Sarney seu lugar ocupou
E com ele o pau quebrou
Collor, esse vazou,
Pois o povo se cansou
Topete disfarçou
Seu orgulho atrapalhou
Fernando com aparências governou
Com promessas enganou
A maioria que nele votou
E com o poder continuou
E o povo?
Se ferrou!!!
Pois com isso compactuou,
Fez manifestações
Que na história ficou
O medo e a ganância nos barrou
O ouro a gente entregou
Do Brasil nem origem
Do nome restou,
Pois o pau-brasil
Apenas nas páginas da história
ficou,
Mas a sua culpa cada um deixou,
Pois colhemos o mal que nosso
Passado plantou
Apesar disso não podemos dizer
Que o destino uma peça nos pregou
Pois foi por pura burrice
Que tudo desandou
Já que tudo desandou
Nossa gente se danou,
Colônia dos Estados Unidos
A gente se tornou
E nem orgulho me restou
E já que ninguém nunca assumiu
E com um pedaço de papel
Agora estou
Vou agora confessar o que
Ninguém confessou:
Foi uma caneta importada
Que esse papel rabiscou!

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

GUILHERME COSTA

Guilherme Costa é filho de Sebastião Costa e Maria de Fátima Lopes Costa. Nasceu em 22 de outubro de 1979, em Orizona-GO. Tem suas origens na fazenda Taquaral de Cima, região que ainda hoje vive e atua como agricultor familiar. É técnico em Agropecuária formado pela Escola Família Agrícola de Orizona. Participou da coletânea *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

QUEM PENSA NÃO BEBE

O homem que não bebe,
Porém é abusado,
Mas é homem de respeito
Trabalhador e honrado.

Para quem não bebe,
Tudo é diferente,
Luta com vontade,
E sempre sai na frente.

Aquele que não bebe,
Com a família é feliz,
A esposa fala,
É esse o homem que eu
Sempre quis.

Quem não bebe,
Encara a realidade
Não gosta de mentira
Só fala a verdade.

Não gasta a toa,
Sua família é bem sustentada,
Não tem más companhias,
Está com a vida organizada.

Se não bebe,
Sua casa é um paraíso,
A esposa o recebe,
Com um largo sorriso,
Para ser feliz,
Beber não é preciso.

Quem não bebe,
Conserva sua juventude,
Fica velho de idade,
Mas com muita saúde.
Muito amor e carinho,
Da família recebe,
“Quem bebe não pensa,
Quem pensa não bebe”.

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

QUEM BEBE NÃO PENSA

O homem quando bebe,
Gosta de cachaça,
Só depois é que percebe
A grande desgraça.

Não pensa antes
Depois é tarde
A vida esquenta
E até arde.

Ontem bebeu uma pichula,
Hoje bebe um litrão,
Amanhã está tonto,
Depois de fogão.

Bebendo perde a noção,
E perde a cabeça,
A pinga faz mal,
Nunca se esqueça.

Se o homem bebe muito,
Não tem valor
Acaba com a união,
Sua esposa perde o amor.

Bebe e diz,
Sou muito macho,
Mas a sua espingarda,
Só atira para baixo.

Acha que pinga é remédio,
Pensa que não faz mal,
Faz da vida um inferno,
De si um animal.

Se a gente aconselha,
Recebe gozação,
Depois ele morre,
Diz que é do coração.

Bebeu o ano inteiro,
O dinheiro sumiu,
Minha mulher foi embora,
Por que será que me traiu?

Se o homem bebe muito,
Fica com a cabeça fraca,
Vende o cavalo, os porcos,
E até as vacas.

Morre tonto,
No céu a porta "tá fechada",
São Pedro não abre,
Sua vida foi muito errada.

Depois desse exemplo,
O bêbado percebe,
"Quem bebe não pensa,
Quem pensa não bebe".

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

SE EU PUDESSE MUDAR O MUNDO

Se eu pudesse,
Esse mundo mudaria,
Unir lares, nações
Isso eu faria
Da vida faria um sonho
Das drogas poesia,
Dos malfeitores uns justos,
Aos tristes daria alegria.

As crianças tristes,
Que vivem abandonadas
Acolheria a todas...
Seriam bem abrigadas
Venceria muitas barreiras,
Seguindo sortes traçadas.

Faria com carinho,
Força e plenitude,
Daria aos velhos
De novo a juventude
Faria das doenças
Muita força e saúde.

Viveria de fé,
Para todos, coração aberto,
Mostraria aos perdidos,
O caminho certo,
E que nada é impossível,
Quando Deus está por perto.

(Orizona em Prosa e Verso -2002)

REJANE GONÇALVES DE OLIVEIRA

Rejane Gonçalves de Oliveira é filha de Antônio Sebastião de Oliveira e Zulma de Fátima Gonçalves. Nasceu em 10 de outubro de 1985. Além de poeta, é artista plástica e tatuadora profissional. Participou da coletânea *Orizona em Prosa e Verso 2002*.

SOLIDÃO

Solidão, solidão
Minha amiga...
Minha paixão...
Minha inquietude...
Minha ilusão...
Minha vida...
Meu coração...
Minha inimiga...
Minha razão...
Minha saída...
Minha prisão...
Solidão, solidão...

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)

EIS QUE...

Eis que o sangue,
Que agora cobre meu corpo,
É fruto daquele que percorre meu íntimo.
Eis que o punhal,
Que agora corta minha carne,
É o mesmo que um dia, salvou-me a vida.
Eis que o fogo,
Que agora me queima friamente,
É o mesmo que um dia aqueceu minhas mãos.
Eis que a boca,
Que agora me difama,
É aquela que um dia me cobria sem pudor.
Eis que o homem,
Que me nega o próprio nome,
É aquele que em mim, teve parte em geração.
Eis que a voz,
Que me ofende sem escrúpulos,
É a mesma que em meu berço, cantava a me ninar.
Eis que aquele,
Que agora me ama loucamente,
É o mesmo que um dia minha vida quis tirar.
E, eis que a sombra,
Que agora me esconde,
É a mesma crueldade que em mim veio habitar.

(Orizona em Prosa e Verso - 2002)



**PONTO DE CULTURA
ORIZONA ENCENARTE**

ASDAO - Associação dos Artesãos de Orizona

Praça Délico Machado da Silva, s/n

Centro – Orizona/GO CEP 75.280-000

E-mail: asdao01@yahoo.com.br